

Os usos evidenciais não-predicativos de *diz que*: um estudo em tempo real de curta duração.

COSTA, Adriana Nunes¹; **CASSEB-GALVÃO**, Vânia Cristina².

Palavras-chave: Evidencialidade, Gramaticalização, *diz que* não-predicativo.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Este estudo pretende descrever o processo de difusão do paradigma evidencial gramaticalizado no português falado no Brasil, a partir dos vários usos não-predicativos de *diz que* verificados em duas sincronias: 1980 e 2000. Este estudo auxiliará na identificação do momento da instanciação dos usos do *diz que* não predicativos e, com isso, será possível observar a regularidade existente na ação dos princípios que regem a variação e que subjazem ao sistema lingüístico do português. Além disso, permitirá confirmar e/ou ampliar a tipologia apresentada por Casseb-Galvão (2001), que fez um estudo desses usos a partir de amostras do português escrito. Assim, um estudo desta natureza é relevante para a descrição da língua portuguesa, pois auxilia no entendimento do seu processo de constituição.

2. METODOLOGIA

Este estudo é realizado a partir da análise dos dados do grupo de estudos PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua), sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os dados estão armazenados eletronicamente e conta com amostras sistematizadas de duas sincronias: a amostra CENSO, coletadas de 1980 a 1984, e a amostra RECONTATO, coletadas nos anos de 1999 e 2000. A partir dos pressupostos teóricos funcionalistas, em um primeiro momento, fizemos a identificação e a classificação de todas as ocorrências de *diz que* não-predicativo. Depois, foi realizamos uma análise quantitativa em que se atentava para os princípios de variação lingüística estabelecidos pelo sociolingüista William Labov.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Da análise Qualitativa dos dados

As questões que norteiam essa investigação estão em Casseb-Galvão (2001). Para ela, o envolvimento do falante com a situação pode ser revelado nos

domínios da *experiência pessoal* [+dir], da *inferência* [-dir], e do *ouvir-dizer* [ind], nos quais o grau de evidência pode ser [+dir], [-dir], ou [ind], de acordo com a experiência cognitiva envolvida.

Dentro do domínio da experiência pessoal, Casseb-Galvão (2001) considera que o operador gramatical *diz que* só ocorre de forma indireta quando a função evidencial é a reportativa de mito. No entanto foram encontradas ocorrências cujas características se identificam mais com o grau de evidência [-dir] que corresponde à função citativa reportativa. No trecho seguinte, a falante descreve o pai:

(1) F- (...) Ele era um homem muito forte, era homem mais valentão da polícia. (est) (risos) É! Era - *diz que* ele era fora de série, era bonito, as mulher até brigava por ele! (risos e) Minha mãe tinha maior ciúme das mulher com ele. (barulho de avião)

Com isso, podemos afirmar que o operador evidencial gramatical *diz que* integra também domínio da evidencialidade reportativa citativa, uma vez que verificamos em (1) que a fonte da informação asseverada pode ou não ser identificada.

Encontramos também, uma ocorrência de inferência na qual o falante parte de premissas para chegar a uma conclusão:

(2) F-Eu acho que as crianças de hoje em dia, elas são mais voluntárias, querem- *diz que* (...) as crianças querem ser mais autônomas e que [("é" da épocas], e é- independente- e tem outra coisa, não se pode contrariar uma criança, porque logo vem ter problemas- que eu acho isso um absurdo! (C18)

O domínio evidencial mais recorrente em nossa investigação é o de ouvir-dizer, como verificamos neste trecho de entrevista:

(3) F: Não aqui em casa eu quase não faço fritura, porque também por causa da idade, e *diz que* o colesterol é bom você fazê uma prevenção desde novo, então já que não fizeram em mim eu faço na [minha filha 79] né (risos) (R9)

Outra ocorrência freqüente é a de instauração de boato. Para Casseb-Galvão (2001), este uso demonstra pouca credibilidade da informação, uma vez que a origem da mesma é indefinida:

(4) F- [não dava, não é? é, não.] Aí fiquei. Gostaria, porque dizem que a Bahia tem coisas muito bonitas, não é? Não sei. Tem? Você conhece? Mas também, *diz que* lá tem muito lugar que é muito sujo, não é? (C18)

Em nossa investigação encontramos também o *diz que* não-predicativo desempenhando a função especulativa. Segundo Casseb-Galvão (2001, p.114) esse

domínio evidencial, “só existe na mente do falante” que por alguma necessidade exterioriza essa informação, como demonstra a seguinte fala:

(9) F- Ah! Se quiser casar, não e?(risos) Mas ele me ajuda bem, (f) (est) ele é (hes) minha mão direita, (est) meu braço direito é ele. (riso e) Me ajuda muito. (f) Mas ele não casa, não. Ele diz:” Ah! Eu não, mãe.” Bem carro e- (muxoxo) que não falta hoje em dia é moça e- [tem uma que] está sempre aqui. (est) Trabalha também lá no banco. *Diz que* é namorada dele, ele nem está ligando. (risos) [namorada] Dele. (C16)

Nesse caso a falante, apesar dizer ao entrevistador que cabe ao filho a decisão de casar ou não, demonstra claramente que essa não é sua vontade.

3.1.2 Da Análise Quantitativa dos dados

A - Resultados da Amostra CENSO

Dos 60 entrevistados da amostra CENSO, 14 utilizaram um ou mais tipos de *diz que* não-predicativos, como demonstra o seguinte gráfico:

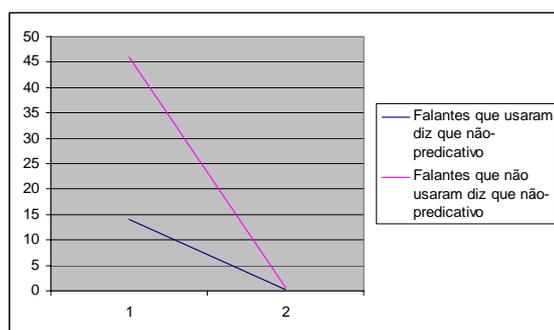


Gráfico 1

O *diz que* não predicativo foi mais utilizado pelo gênero feminino que representa 30 % do número de informantes desse gênero e 64,28% do total de 14 usuários -, por pessoas com mais de 50 anos e com nível escolar 1. Já em relação ao tipo de *diz que* não-predicativo, no geral, a ocorrência maior é a de experiência pessoal reportativa intermediária, seguida da de ouvir-dizer instauradora de boato.

B - Resultados da Amostra RECONTATO

Dos 15 entrevistados da amostra RECONTATO, 03 utilizaram *diz que* não-predicativo, como está representado no gráfico 2:

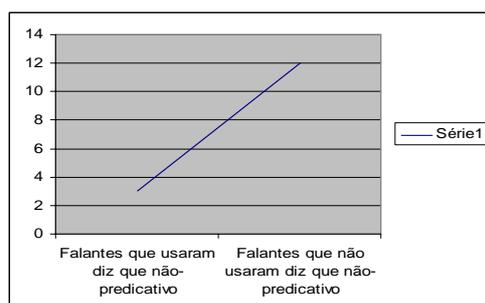


Gráfico 2

Ao contrário da amostra CENSO, na RECONTATO a incidência do uso do *diz que* não-predicativo foi maior no sexo masculino. Quanto à escolaridade há um representante para cada nível escolar: fundamental 1, fundamental 2 e Ensino Médio. Já em relação à faixa etária, verificamos um predomínio do uso dos informantes que possuem de 26 a 49 anos. Com relação ao tipo de *diz que* não-predicativo, verificamos 05 ocorrências de *diz que* não-predicativo, as quais são predominantemente do tipo experiência pessoal - reportativa intermediária.

4.CONCLUSÃO

A análise esboçada anteriormente nos revelou fatos importantes para se compreender a língua portuguesa falada no Brasil e principalmente para atestar que o operador evidencial gramatical *diz que* está presente, não só na língua escrita, mas também na língua em uso oral, independentemente da comunidade de fala envolvida. Além disso, verificamos que uso de *diz que* não-predicativo está presente nas duas sincronias, mostrando que o intervalo de tempo de aproximadamente 20 anos não favoreceu o desuso desse operador evidencial, pelo contrário, esse uso parece se implementar cada vez mais no português. Atestamos, ainda que a tipologia proposta por Casseb-Galvão (2001), corresponde satisfatoriamente às funções da expressão evidencial *diz que* não-predicativo, podendo ainda ser ampliada.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSEB-GALVÃO V.C.C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2001.

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Letras, adriananunes2@yahoo.com.br

² Orientadora/Faculdade de Letras/UFG, vcasseb2@terra.com